Salomão Rovedo

Amor a São Luís

Rio de Janeiro, Cachambi

2021

Este trabalho é o reflexo das emoções sentidas entra a partida e o retorno à terra natal. Terra natal adotada, já que nasci na Paraíba (Rio Tinto) – de onde fui levado antes de completar 2 anos de idade para São Luís, terra da família. Esse espaço de tempo em que saí de São Luís para morar no Rio de Janeiro e o meu retorno quase 30 anos depois, resultou num compreensivo choque emocional, emotivo, de paixões, posto que não era minha ideia voltar. Mas ali ficaram muitos parentes e um irmão, então voltei. Depois repeti a viagem várias vezes para abraçar o poeta João Rovedo, meu irmão, acabando por me transformar no único irmão que o visitava com mais frequência. A primeira versão deste trabalho saiu com o título de "Amor a São Luís, e ódio" – ódio das perdas injustificáveis, desnecessárias e traumáticas. O tempo trouxe o perdão a esse perdimento e o ódio desapareceu. Ficou o amor.

Parte I

Cantares: Atracação, Encantamento, Feitiço

1.

No princípio, a névoa (nódoa turva de saudade), a ânsia de saber e buscar, a aflição de perder e reencontrar. Mazelas da vida. Antes era apenas um nó no peito. Depois foi o reencontro com a paisagem encharcada. Chuva criadeira, grossa, que vinha seguida do cheiro da terra, eflúvios que exalam do chão varando as narinas, o clamor da piçarra úmida. Vinte e muitos anos se passaram, São Luís, antes que o regresso às florestas de babaçu e de unha-de-gato se fizesse realidade. Lágrimas.

2.

São Luís, vista do alto, é um ponto – quase nada. Para quem chega, um ponto branco, surgindo da madrugada. Para quem parte, um ponto negro, uma mancha desmaiada. Para quem vive, um ponto neutro, que se resume em calçadas. Para quem aqui ganha a vida: apenas uma pousada Para quem tem vida cigana, comedouro – uma parada. Por que então estes olhos te vê fêmea apaixonada?

3.

As gotas d'água caem intercaladas em milimétrico espaço entre si, formando um gradeado perfeito, que encarcera os seres nos

mais inesperados sítios. Enquanto prende o corpo, liberta o espírito, o livre pensar, que forma as indagações, essas tais que fazem a gente seguir mutante, misterioso, cabalístico.

4.

Aqui pisou Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière. Aqui holandeses tentaram fundar a pátria equinocial. Aqui escravos mina lapidaram cantarias, encravaram azulejos e portugais, cultuaram deuses ao som dos atabales, temperaram com o sal do suor os fundamentos da comida maranhão. Aqui Manuel Beckman – judio e errante, resolveu fincar os calcanhares e findar as noites e os dias. Depois virou Bequimão e tentou liberar o Maranhão do lusitano. Aqui os lusos continuaram a reinar sobre a gente, mesmo depois da independência brasílica. Aqui repousam poetas, românticos, pintores, escritores, grandes damas do teatro cênico das operetas, tenores e contraltos, soprano e baixos, reis das retretas e da ópera lírica. [Tenho de relembrar tanta coisa neste momento, vadiando pelas ladeiras gosmentas, quando busco também encontrar o menino, que nos estreitíssimos becos aspirava enleado o cheiro da vasa marinha, entranhado nas paredes seculares, vivendo seus sonhos.]

5.

Reconheci a mesma janela que teu rosto emoldurava: era na Rua da Paz, quando de manhã passava. Tua expressão arredia, quase louco me deixava. Tua boca carnuda pedia, eu mil beijos implorava. Os cabelos negros luzidios, o vento leve esvoaçava. Eu

diminuía os passos, volta e meia até parava. Azulejo azul e branco, o portal da cor mais alva. Teu rosto pálido sorria, e louco me atarantava. Gardênia, Gardênia, Gardênia, teu nome mudo eu rezava. (Hoje o quadro está vazio, nem vi que o tempo passava).

6.

A chuva quando cai em São Luís é farta, ancha, definitiva, fatal.

7.

Nas praias o tempo passa coberto de maresia. Areia, vento, sol, tudo passa coberto de maresia. Olho d'Água, Ponta d'Areia, quanto tempo não as via. Ali mesmo que o tempo passa coberto de maresia. Nas praias o murici em qualquer canto nascia. Calhaus, Araçagi, Ribamar, palmeira, caju e coqueiro, tudo que é mato crescia. Hoje o quê! Quase nada, hoje só passa o tempo coberto de maresia. Na cidade são os passantes, faltosos em heresia. São pisados pelo tempo coberto de maresia. São Luís, teus ares mostram um odor peculiar: é a maresia que vem perdida do alto mar, trazendo com ela a vasa, pros teus seios perfumar.

8.

São Luís, minha São Luís, tenho gosto ver-te assim, com meus olhos de menino. Se te visse gente grande, quanta coisa perderia! O mingau de tapioca – perderia. O pequi com arroz – perderia. O cachorro-quente (carne moída, pimenta-de-cheiro) – perderia. A farinha d'água perderia. Ainda bem que cresci a tempo senão a morena dengosa perderia.

9.

"Por trás das negras nuvens o sol continua a brilhar." Tem razão H. W. Langfellow, mas quantos de nós, obres mortais, somos capazes de varar as espessas cortinas do céu com a visão super-humana e miraculosa, como a dos heróis das histórias de quadrinhos?

10.

Contam-me da invasão que houve no Filipinho como coisa sacramentada nos anais históricos de São Luís. Para quem ali empinou papagaio, banhou na chuva, pegou caranguejo e catou sururu, cada narrativa é um prego, a lacerar todas as trezentas e sessenta e cinco chagas que penosamente carrego. Invasão, aterros, terras divididas, coisas tais de cidade grande, desvirtuada, coisa de novos franceses que invadem, destroçaram ainda mais as lembranças que tinha de ti, São Luís, engolfando míseros pedaços, as sobras de mim…

11.

O cheiro de suor e do peixe seco e do peixe-frito. O aroma picante do sururu ao leite de coco. O sal ardido do camarão seco com farinha d'água. O ardoroso sabor da pimenta-de-cheiro moída na calda do peixe cosido. A leveza e o azedinho do cuxá. A doçura da ata e da sapota. O agridoce bacuri e a pretinha juçara. O doce de buriti, a garapa, o mel de cana. O paladar adstringente, único, da tiquira. A singular coloração da pele, dos cabelos, das roxas de

São Luís. O ardor, o sabor, a doçura, a saliva de mel da mulher. No mercado da Praia Grande, Ai de quem perder os sentidos!

12.

Nos telhados centenários soa lúgubre, o ruído da chuva, persistente, cadenciada, dolente, semelhante a pessoas estiradas, em repouso eterno, nas redes de tucum.

13.

(Mulher, quando te vejo em gozo de aluvião, desespera-se meu almejo, em busca de sensação, de ter-te sem nenhum pejo, presa de amor e perdição). Eis que transmites desejo, como o rugir de um vulcão. Teu ventre liso derreado tem planuras dos desertos. Teus olhos negros encravados nas crateras de um vulcão. Tuas nádegas amorreadas, imitam dunas do deserto. Teus lábios tenros, encarnados, vertem lavas de um vulcão. Tuas coxas, assim largadas, são como um oásis do deserto. Teus seios de bicos rosados, pousam na encosta de um vulcão. (E já que estou tão perto do centro do teu vulcão, os pêlos encaracolados, afasto-os com devoção, ternamente ali deponho a boca em persignação).

14.

Eu juro, eu vi! Nas ruas escuras, uma louca carruagem, puxada por dez mulas-sem-cabeça, assusta notívagos que ousam vagar àquelas horas ao ermo... Meninos, fugis? Don'Ana Jansen chicoteava encolerizada os escravos, que ganiam de medo e dor, arrastando pesadas correntes, que soltavam faísca no chão de

pedra. Eu ouvi, eu juro! A manguda quer pegar um e arrancar-lhe os olhos para iluminar as trevas das quais está cativa, eternamente cativa. Correi, meninos! Fugi do Bicho Folharal, de poderosos braços galhos, de folhas paralisantes, ele quer raptar um para a terra da Floresta Negra, aquela terra encantada, d'onde jamais voltarão. Eu juro, eu vi! Correi, meninos! Eu ouvi, eu juro! Meninos, fugis?

15.

A chuva cai, cai em toda a ilha, sem economia, deixando as gentes isoladas, solitárias, perdidas. [A chuva – sempre e eternamente a chuva].

16.

Hoje a sede é de saudade, mas já pousei para beber água nas tuas fontes escondidinhas. Na fonte do Ribeirão, quantas vezes matei a sede! (de amor e de bebida). Na Fonte das Pedras a água secou o meu suor e porejou a fronte de luz. À Fonte do Bispo (sabia que está abandonada?), quando lá retornarei? Em Santo Antônio, no Convento, a fonte foi sufocada. Hoje a sede é de saudade, mas um dia repousei para matar todas as sedes: (de amor e de bebida), a minha fronte pousei, nas tuas fontes perdidas.

17.

A Sereia da Praia Grande um dia me enfeitiçou com seu canto de sereia. Não era Sereia, era mulher – e, sendo mulher, rolou, comigo rolou na areia. A Sereia da Praia Grande piscou os olhos,

fez bichinho e sorriu. Não era Sereia, era fêmea – e, sendo fêmea, gozou, meu abraço gozou e dormiu. A Sereia da Praia Grande tinha os olhos azuis e o pêlo ruço das germanas. Não era Sereia, era ninfa e, como as ninfeias, doida, doidivanas. A Sereia da Praia Grande, com escamas de paetê, noite adentro deslumbrou. Não era Sereia – era Rainha, como as rainhas, insana, que meu peito entronizou. A Sereia da Praia Grande um dia me encantou com seu cantar de Sereia. Não era Sereia, era mulher – e, sendo mulher, me amou, comigo gozou na areia.

18.

"A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. Não havia céu, não havia horizonte – era aquela coisa confusa, translúcida e pegajosa. Nem uma estrela. Nem um pirilampo. Nem um relâmpago. Anoite era feito um grande cadáver, de olhos abertos e embaciados." Bernardo Élis – "Nhola dos Anjos e a Cheia do Corumbá" – provavelmente nunca esteve em São Luís, mas as chuvas de Goiás são as mesmas, as mesmas chuvas que causam espanto, as mesmas que caem por aqui.

19.

Onde o céu de São Luís? Ninguém sabe, ninguém viu. Está por sobre as nuvens pretas da cor do breu. Onde as estrelas e o luar? Quem faz seresta esqueceu do palco-terra iluminado, feito de areia e de mar. Onde a moça na janela? O canto de amor que a atrai, por detrás da persiana, é um rock. Canção? Jamais! (Hoje porque chove, nada se vê, mas aqui Chopin ia se dar bem: ao invés do

Prelúdio Gota d'Água, comporia o Prelúdio Enxurrada).

20.

Eis as lágrimas. Finalmente as lágrimas chegaram, transbordando das pálpebras, inundando toda a face ilhada. Finalmente o soluço se liberta. Eis o soluço, ontem retido na goela, na garganta um nó só, o soluço do homem só, que enche o peito e mais – e agora vaza pela boca afora. Torrente da mesma enxurrada, grito a correr pelo meio-fio, incontido. Lágrimas de cristal que a luz parca atravessa, através da vidraça. Chuva ou lágrima, eis o mistério.

21.

Sorte daqueles que se agarram desesperadamente às suas coisas, a seus pertences, às suas paixões, desesperadamente – do contrário, quando a chuva cair, estarão todos perdidos, todos perdidos.

22.

Não pretendo tecer vínculos, nem de amor nem de falsidade. Aqui não ando forjando laços, nem de amizade nem de adoração. Eu nem sequer tenho uma alma, que me leve para a eternidade. Que não pretendo tantos santos, nem de promessa nem de devoção. Que eu, nem sequer tenho uma fé, que aponte o caminho da verdade. São Luís, como fui gostar de ti, ilha vil, resto de vulcão e de aluvião? (Eis que mostro, em nuvens carregadas, veredas ternas – de perene saudade, nas quais – profeta – deves ir a pé e

desvendar porque me tens tanta paixão).

23.

À noite chove. E como fica longa e solitária a noite que chove, nesse conchavo interminável com as águas torrenciais, de bíblicos dilúvios. Sozinho na sala, um livro largado na mesa, sonatas de Beethoven, fica longa e solitária a noite, perdida em conchavo com as águas torrenciais, de bíblicos dilúvios, a tocar outra sonata nos telhados.

24.

Avermelhar à tarde, quando o sol já posto, não mais a pele arde, não mais arde o rosto. Avermelhar o oposto, quando o sol, à tarde, não mais tosta o rosto, não mais a face arde. Já posto a avermelhar, sem arder, sem queimar, nem mais quando o sol a tarde avermelhar, sem a pele arder, tostar, de tarde na Rua do Sol.

25.

Pela rua, à toa, leve mariposa, de todos esposa, ao acaso voa... Voa livre, voa à toa e o meu ser esposa, por acaso, mariposa, voa leve, leve voa. De muitos esposa, leve, vaga à toa, mas jamais repousa. Apenas voa, só voa, (esperando a lousa), lá na João Lisboa.

26.

Sob a torrente de chuva, os trópicos de São Luís ficam mais

ilhados do que a própria ilha. E tristes. Tristes porque perderam a luz do sol. Tristes porque perderam o fulgor das estrelas na noite escura Tristes porque perderam as réstias de luar que banham a praia. Tristes porque as mulheres escondem a pele morena sob muitos panos.

Parte II

Romanceiro: Travessia, Amor, Adeus

1.

Tomo emprestadas as palavras de Gott Efraim Lessing, para entredizer: São Luís, ontem amava-te, hoje sofro, amanhã morro.

2.

Na Rua da Paz descia o bonde com a leve velocidade do vento. Era ali naquela rua bem aonde se me esvaía todo o pensamento. A veneziana branca esconde, a musa que já era meu tormento. A meu olhar ousado não responde, sem sequer mostrar arrependimento. Coração tonitruante de desejo (era isso mesmo o que ocorria) no corredor úmido do casarão. Hoje nem a musa nem o bonde vejo, aquele que a Rua da Paz descia, com a velocidade bruta da paixão….

3.

O mar, sempre o mar. O sal impoluto. O solúvel sal da terra. O mar envolvente, opressor. O mar eterno, milenar. Veios de amônia e éter, que vagam pelos espaços siderais. Sempre o mar, o mar próximo, o mar para sempre. O mar que é chuva inascida. O mar que é o lar de todos os rios. O mar que é a chuva, a chuva que é o mar. A ilha, que é feto, envolvida por esse âmnio miraculoso, eterno, imortal...

4.

O som das sinfonias e noturnos varava a noite no silêncio dos grilos, do coaxar das rãs e sapos. Depois, quando a calada era ainda maior que o piar das corujas, ecoavam longe os tambores, ecoavam nos terreiros e salões das Casas das Minas. Deitado na rede, de olhos abertos para a escuridão, o menino vagava sozinho, pelo restinho de mata virgem que sobrou nas quebradas do sítio. Era onde algumas mucuras, sagüis e camaleões faziam festa, ousavam circular catando frutas, bebendo água, a água límpida do poço, que existia nas grotas do covão. Era tempo de aventuras.

5.

Os olhos negros – feitiço, seios em flor – viço. A se esgueirar pela janela – Ela, sempre ela! Cabelos longos – bruxaria, em óleo de rosas – reluzia. A face rósea de donzela – Ela, sempre ela! Os lábios rubros – carmesim, carne e mel – ai de mim… Doce aroma de canela – Ela, sempre ela! Um corpo cheio – cortesã, seios de bicos – de romã. Santa sem altar ou capela – Ela, sempre ela!

6.

Nuvens grávidas, nuvens cheias, pojadas, que expelem fetos, coriscos, sem rota certa, que parem trovões de som estereofônico, que geram naus, quebradiças, em mar desfeito pelo vento. Fantasmas, lobisomens, mulas sem cabeça, monstrengos, avoadiços, de formas diversas, extraterrestres, indistintas figuras, que ondulam, trepidam, movem-se no vácuo, jogam ao som das

vagas, celestiais, despojando todo o equilíbrio do mundo!

7.

O Bar do Basílio enlouquece hoje em dia qualquer visitante. Primeiro uma cana me aquece e o bucho no mesmo instante. Depois vem uma cerva gelada pra preparar o guloso apetite. Logo, logo, uma farta peixada (– quem recusa tal convite?) Pimenta temperada no coco, arroz, cuxá, farinha d'água, pra quem gosta ainda é pouco! Corpo e alma, em calma frágua, por causa do tempero louco, que estar longe só traz mágoa.

8.

A vida escorreita, sem qualquer cicatriz, pela Rua do Giz escorre, estreita. Pele de verniz: eis do que é feita a alma reeleita, morta por um triz. A paz que se deita, feito meretriz, a tudo afeita, pouco faz feliz a alma liquefeita, viva por um triz.

9.

O firmamento inteiro despenca num turbilhão, como um mar imenso de cristal, vidro, pedrarias, miçangas. Chove o tempo todo, chove por inteiro, transtornando as faculdades, morais, espirituais. Abate as forças físicas, como um veneno fulminante. Mesmo o amor não resiste a tanto poder, tanta brutalidade. Mesmo a paixão se torna impotente, como que enfeitiçada pelos poderes de Zé Negreiros – o Santo Mago do Turu.

10.

O mar arrebenta no cais de pedra da beira do mar. Lerda, sonolenta, a saudade medra, lenta, devagar. A lágrima arrebenta os olhos de pedra de nunca chorar. A saudade lenta, armadilha apedra deste regressar. A vaga arrebenta o sal que empedra até mesmo o ar. Lerda morte, lenta, o ânimo desmedra, tempo de zarpar. A lágrima arrebenta no cais de pedra, Av. Beira Mar.

11.

Rua Vinte e Oito... Ali se conquista, fama de chupista antes dos dezoito. Jovem bem afoito, dado a conquista, é mais alcovista após cada coito. Coube a Amélia ofertar lobélia como uma maçã. (Anjo de doidice, transfez com meiguice, est'alma pagã).

12.

A chuva é boa, mas também é trágica: em São Luís, corta as pessoas, rompe elos, decepa esperanças, provoca desilusões….

13.

Eros encachaçado, leve se esgueira, à margem, na beira, do mangue alagado. Eva, mel, brejeira, ao sátiro alado, oferece o lado da sua esteira. Tango ou bolero, ouve-se ao longe, ao som do diaulo. Eis o outro clero: o perdido monge vaga por João Paulo.

14.

Estrela do Norte, taciturna, bela estrela, estrela da morte, cujos

olhos deságuam turbilhões de cristais, sobre os líquidos tetos, telhados de água. Azul lua, inexplorável, que por sobre montanhas, transparente espias a noite, que ainda não é noite, e sondas os dias, que jamais serão dia. Rios. Rios que escorregam tristes, sôfregos, pobres, rios de escorreitas mágoas, por de cujos inenarráveis, Náiades, fêmeas, a rigor despidas, saias godês, sungas, corpetes, anáguas. Rios. Ruas que cercam asfaltadas extensas avenidas, podres avenidas, esqueletos de corpos escalavrados, em outras eras pervertidos. Vampiro. Vampiro que breve suga a cerveja da lata estupidamente gelada, vaga pelas ruas, pelas Ursas, Cruzeiros, Andrômedas, vasculhando latas de lixo, à cata do merecido sossego secular. Imune ao Dom do bem, ao som do mal, para morrer o sono da noite eterna, chupa a safena, o peito, a perna, encrava a cruz no coração e dorme.

15.

Amar ouvindo a chuva cair lá fora, os corpos unidos, grudados, gosmentos, que nem caldo de mocotó (até que a chuva tem a sua utilidade humana).

16.

O poeta de cordel cantava as aventuras de Cancão de Fogo, dava notícia da Donzela Teodora e dos Sete Pares de França, de crimes corriqueiros. Dizia dos sertões de Garanhuns, da morte de personalidades, dos amores impossíveis. Coronéis e jagunços no mundo, perseguindo casais apaixonados, em fuga pela caatinga. Terminaria a história com final feliz? A família acolheria o casal, a

filha fujona, o neto recém-nascido, sob o mesmo teto, como filhos? O herói prenderia o bandido ou seria assassinado, emboscado em nome da justiça? A resposta fica pra quem tem dinheiro pra comprar os folhetos. Para o menino que fazia gazeta na escola para ouvir o poeta de cordel, restava a porta da imaginação.

17.

São Luís, São Luís, o que dizer de ti? De tantos lugares cativo, doutros me compadeci. Hoje que a ti regresso já tenho ciúmes daí. Noutras cidades vaguei, muita terra e pó bati. Lugares que pernoitei, avenidas que percorri. De tantas me amasiei, outras, mil traições sofri. Nenhuma, porém, mais bela, as emoções que senti, quando te reencontrei. Ruas que outrora corri, ninfas adulterinas que amei, paixões que não preenchi. Desconfortos do coração, até que em vão me perdi. São Luís, São Luís, – o que será de mim sem ti?

18.

Castelos voláteis, tal silhuetas tenebrosas de ciclopes armados, batem-se nos espaços, em desigual porfia. Filmes de ficção científica. Viagens estelares. O ronco do trovão aos poucos emudece. Raios deixam de rabiscar o firmamento. No céu um portal de azul infinito vai se abrindo, lentamente, sobre a ilha, como um véu, caudal estelar. São Luís vive de novo o burburinho dos passantes. O falatório das comadres, vizinhas. O grito dos moleques. Os olhares ternos dos namorados.

19.

Estrela, estrela do meu Norte, triste e muda estrela, estrela da morte, estou partindo pra tentar a sorte, um turbilhão de diamantes, lago azul inesgotável, do espelho que refletes, na baía de são marcos, face viva, face inteiriça, lúdica expressão do que foi, do que é, do que nunca será. Eis-me tolo que deixa marca, grafites paleolíticos, impressões digitais, carteira de identidade, título de eleitor e CPF, nos alvíssimos muros como herói de cemitério, que nada teme, nem diz, nem contradiz, ex-herói, morto num vietnam qualquer, inacabado, historieta de cartum, guarda das hermas solitárias, esquecidas, dos logradouros, como a prevenir o que passou, o que passou – passará, o que vai, inexoravelmente. Mas isso nem é outdoor ou anúncio de jornal no Dia dos Namorados, no Dia das Mães. Estrela do meu norte, bela estrela diuturna, estrela da morte, peguei-te pela cintura, em pose de fotografia 3x4 – busco identidade para um notívago opcional, que ainda se enleia com o piano, com o acordeão e alguns noturnos de Francisco Mignone. Varre tuas poeiras carregadas, de água etérea, purificada, ventos eólicos relampagueantes, trovões como tambores longe, varre com ondas que não podem apagar o fogaréu eterno, cuja lamparina arde, arde, e as ninfas clareia suplicando carícias, angélicos carinhos, deste vil, desfigurado ateu. O mar, cirro-cúmulo obsedante, gotículas em suspensão, encharcadas de sal, sal, esse mesmo mar que viaja mundo, esse mesmo pré-histórico mar, vem de mansinho beijar o claro escuro dos teus pés, Ponta d'Areia, Ponta d'Areia. Enquanto telhados lodosos debruçam-se sobre ladeiras, paredes sagradas guardam

cadáveres de barões e baronesas, que outrora pisavam macio, flutuando sobre tapetes persas, soturno assoalho de imburana.

20.

A chuva tem suas regras próprias, vida autônoma, cruel, interdependente. Não adiante chamá-la nem exorcizá-la: chega repentinamente, sem aviso prévio, quase sempre lúgubre, mas impetuosa, tal e qual a "Visita da Saúde", que se arrancha de supetão nas cabeceiras dos corpos doentios, como para anunciar: "A morte, a besta-fera, vem aí. Se entristeçam, chorem lágrimas. Chorem lágrimas, se entristeçam."

21.

Nuvens são nacos de algodão, tendo como fundo um céu de azul pombalino. Formam rostos alegres, desenham anões e gigantes, descrevem batalhas inúteis, naus desbravando (m)ares. O hálito quentíssimo do sol se abate sobre a epiderme, despejando suores pelo corpo. Prisioneiro das chuvas, nem sequer consegue respirar, quando o astro-rei, voluntarioso, se mostra valente demais. Sabe-se caminhar na caatinga de pedra e asfalto quente. Aí já é hora de clamar pela brisa morena de rosto redondo, cabelos negros, luzidios, olhos de mormaço, corpo roliço, seios de sapoti, implorar, implorar, um tempinho, um microssegundo que seja, de amor, de amor, de amor...

22.

O mar – mar de seara inesgotável, de peixe, ouriço, lagosta, esse

mesmo aí que traz escolhos, camarão, polvo, lula, calamar, lambidos elementos de outros mares, marisco, tartaruga, ostra, enguia, haloplanctos – oh, algas benditas, sururu, siri, caranguejo, congro, oferenda dos botos sagrados que a praia seca, seca e salga. Enquanto igrejas apodrecem, os tiranos vão à rua em reclamo, cobram voto, entregam promessa, éditos e proclamas denunciam, os pasquins apregoam crimes, subsiste ainda a escravidão, social, racial, nua, imperial: Que falta hoje aqui nos faz O Manuel Bequimão! O mar, de cuja entranha exala o próprio perfume de Deus, esse que libera os pescadores do terreno sustento material, deprime a ilha que vira depositário de negro em camisa de time de futebol: Sampaio, Moto Club, Ferroviário, cujas glórias aleitaram a infância e varam os anos impunemente.

23.

Enquanto águas correm para os rios e estes, biblicamente, dão ao mar, e este, inconsequente, oprime a ilha, deixa-a pequenina e bem menor ao olhar do pecado e do pecador.

24.

Após o forte calor, é a vez da chuva violenta fustigar a pele, do vento chicotear o rosto, a alma, dolorosamente, como um látego de fogo. A natureza toda chora, as telhas centenárias derramam pranto. Mas o que importa tudo isso? O que nos diz a crueldade? Que importa se a ilha afunda como uma nau destroçada? Que importa se tudo em volta é água e lama, água e vento, água e látego? Estou aqui – estou em ti – o sol está em nós!

25.

Tal um mero turista, nessas ruas à toa, pela João Lisboa vou correr a vista. No Largo do Carmo faço uma pausa: a emoção que causa no peito desarmo. Entre tanta gente sou desconhecido: como apetecido um cachorro-quente. Corro a Rua Grande, cheio de aflição: mas cadê o bonde Canto da Viração? Quase meio-dia (sinto o sol a pino), leva-me o Destino à Praça da Alegria. O melhor pecado, que me satisfaz: vadiar no cais, perto do mercado.

26.

Upaon-Açu, Ilha Grande, chego de longe transido, e eis-me aqui desterrado, exilado entre becos, dos teus ares abandonado. Upaon-Açu, Ilha Maranhão, logo eu, que tinha jurado, não mais tentar os descaminhos, banido de corpo e alma, de corpo e alma descarnado. Upaon-Açu, Ilha Rebelde, de repente acovardado, bajulando tuas cantarias, esse caos assobradado, balcão, fachada, telhado, que a ferrugem do espaço, duramente tem demarcado. Upaon-Açu, Ilha de São Luís, a paixão me detém apaixonado, enfim, deixo-te repartido, como o boi é descarnado, a alma vai mais sofrida, coração – em ti encravado.

27.

Ora perco a linha pelos teus desvãos, vendo teus meões de cidadezinha. Neste chão soturno de tuas vielas, vago entre ruelas navegar noturno. Lá no cemitério São Pantaleão, o velho João é o salvatério. Choro com a chuva, quando digo adeus: logo esqueço

os teus ares de viúva. É essa a solidão que o ser enerva e envenena a erva do meu coração. Deixo-te São Luís, por demais amar-te, sou alguém que parte triste e infeliz.

28.

A chuva – sempre e eternamente a chuva.

29.

Sei que não devo esquecer Nênias ao mano João e a meu amigo Waldir. No exílio eles eram a Ilha em memória e traziam os amigos no peito. Este canto plangente é para eles, que representam outros peitos. Nele relembro os outros: tantos não reencontrei. Mas, quando eu não os via, era João mais Waldir que lembravam. Estavam lá em espírito, nas ruas, bares, calçadas. Bebiam comigo e comiam as comidas mais gostosas. Quando longe eu desesperava, João e Waldir resistiam. E quando não quis mais voltar, eles me mantiveram vivo. Sei, não posso esquecer jamais, estas poucas Nênias ao mano João Alfredo e ao Amigo Waldir.

30.

...E para aos amigos do Filipinho, de São Luís, do Maranhão, que insistiram em conviver com suas infiéis mataduras, sonhos, dramas pessoais, amores, amizades, dores, pela enorme coragem. Também aos outros ausentes, (mas que insistem em ficar, grudados que nem carrapato, agarrados em nosso coração), aos amigos que se foram desta pra outra pior (bem pior!) uma tonelada

de saudade.

FIM

O autor

Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), reside no Cachambi, Rio de Janeiro. `Participou dos movimentos poéticos, sociais e políticos nas décadas 1960/1970/1980, tempos das publicações em mimeógrafo, das bancas nas praças, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos. Tem textos publicados em diversos jornais, sites e antologias. Publicou mais de cem folhetos e textos de literatura de cordel com o pseudônimo "Sá de João Pessoa". Os ebooks estão disponíveis em diversos sites de depósito de arquivos.

Site: www.dominiopublico.gov.br.
e-mail: boabaid000@gmail.com
Blog: www.salomaorovedo.blospot.com.br
Blog: www.rovedod10.wordpress.com
Wikipedia: www.pt.wikipedia.org/wiki/SalomãoRovedo
Site: http://projetolivrolivre.com/

Foto: Priscila Rovedo